DESEJO DE TIRANIA

René Girard

Tradução de Pedro Teixeira Neves

GUERRA & PAZ

ÍNDICE

O QUE É A TIRANIA? 11

O DESEJO DE TIRANIA

O DESEJO MIMÉTICO 23
O desejo triangular 26
Do mediador divino ao mediador humano 30
A multiplicação dos modelos 32
O pseudo-narcisismo 34
Tiranos uns para os outros 36
Um tirano mais tirânico do que todos os outros 37
Um «dom sobrenatural» 39
O poder instala-se 41
«Único astro fixo do firmamento» 42
A vítima enterrada 44
O tirano adorado 46
Do ídolo popular ao bode expiatório 47
As razões da raiva 56
Um tirano substitui o outro 61
O perigo de todo o unanimismo 63
O duplo mimetismo 65
«Satanás expulsa Satanás» 68
«Uma transcendência irreal, logo eficaz» 73

A violência desencadeada **77**
«A lógica apocalíptica da história contemporânea» **79**
«Cada um de nós é responsável por esta escalada» **83**
O perigo dos Anticristos **85**
O outro totalitarismo **88**

Posfácio: O Desejo de Todos. **91**
Do «todos contra todos» ao «todos contra um»: Édipo tirano **92**
Do «todos por um» ao «todos contra um»: o Livro de Job **104**

Fontes **115**

No final da obra, encontram-se as referências dos textos seleccionados para esta antologia. Os títulos propostos para estes excertos são da responsabilidade da editora Grasset et Fasquelle.

O QUE É A TIRANIA?

É o medo de ser morto que faz do soberano um tirano. E é o nosso medo de morrer que faz com que nos deixemos tiranizar. As catástrofes a que vamos assistindo encontram aí a sua causa principal. Se, por um lado, os filósofos políticos nunca deixaram de se debruçar sobre tal paradoxo, por outro, nunca conseguiram identificar o seu princípio único. Coube a René Girard descobri-lo, pela simples razão de que não provinha da Filosofia propriamente dita, antes por ser oriundo das áreas da Literatura e da Antropologia Religiosa. Assim se percebe que o termo «tirania» nasça no seu pensamento a partir de uma reflexão plena de intersubjectividade: a figura do tirano traduz, em sentido próprio e no sentido figurado, nos planos colectivo e individual, uma condição servil fundada no coração do «desejo triangular», também apelidado «desejo mimético». Esse desejo não é outro senão a veneração-aversão que experimentamos para com os nossos modelos, ou seja, por outras palavras, os «mediadores» que nos indicam os objectos que devemos desejar.

Poderíamos resumir nalgumas etapas a progressão desse «mal ontológico» que se desenvolve à escala de sociedades inteiras: 1/ Não desejo um objecto se não porque outrem, ao meu lado, o deseja (ou poderia desejá-lo); 2/ desejo menos o objecto do que o *desejo* desse mediador tornado rival; 3/ é a pretensa autonomia desse rival divinizado, em poucas palavras o seu «próprio ser», que acabo por adorar. Assim, aquele que procura apropriar-se do objecto do seu modelo acaba por querer apropriar-se do seu ser, que se torna um obstáculo venerado. Tal é a génese dos nossos ídolos. Esta obsessão pelo Outro caracteriza a modernidade em que os modelos se multiplicam ao mesmo tempo que diminui a nossa aptidão para discernir os bons dos maus.

Se, como escreve Stendhal, «a inveja, o ciúme e o ódio impotente»[1] são os sentimentos modernos por excelência, isso fica a dever-se ao facto de acusarmos sempre os outros de impedirem o nosso desejo. Aplicados em nos apropriarmos de um objecto alheio, acabamos sob a dependência «metafísica» desse modelo ora tornado obstáculo. Desta forma, de rivalidade em rivalidade, espoleta-se uma crise de confiança que outrora havíamos depositado em valores comuns.

---

[1] Na verdade, a citação surge erradamente atribuída a Stendhal. «A inveja é um ódio impotente» é uma frase de Honoré de Balzac no seu livro *A Prima Bette* (*La Cousine Bette*), publicado em 1846. A citação é, efectivamente, bastas vezes atribuída a Stendhal, talvez porque também o autor de *O Vermelho e o Negro* abordou em diversas ocasiões a temática da inveja, ambição e ciúme. Em *O Vermelho e o Negro*, a título de exemplo, Stendhal escreveu: «A inveja não existe sem um ódio secreto.» («L'envie ne va pas sans une haine secrète.») Do mesmo modo, também por vezes se atribui a frase ao filósofo Arthur Schopenhauer, contemporâneo de Balzac. (*N. do T.*)

La Boétie chamava «servidão voluntária» à derrota individual e colectiva que conduz à tirania, ou seja, à veneração-aversão do *modelo único* capaz de pôr um ponto final a essa crise. Girard demonstra que essa escravidão não é de natureza «voluntária», uma vez que, a partir do momento em que uma rivalidade se propaga de maneira contagiosa, aqueles que nela se encontram implicados acabam por ser apanhados num mecanismo irresistível. Todos, sem excepção, estamos sujeitos a essa servidão, todos somos susceptíveis de ser humilhados pelos ídolos que nós próprios forjámos. O desejo do Outro substituiu o desejo de Deus.

A «grande literatura» resgata-nos desse torpor, põe a nu os mecanismos dessa alienação individual e colectiva. Aquilo que o sujeito «ajoelhado aos pés do seu mediador» não compreende, de facto, mas que todos os romancistas ou os dramaturgos que dão voz a esse fenómeno compreenderam, é que o mediador se encontra já ajoelhado aos pés do sujeito que deseja. Para que eu me afaste dos outros é preciso que os outros já se tenham afastado de mim. Uma tal servidão, a que Girard chama «mediação dupla», pode assumir a máscara da autonomia ou da indiferença perante terceiros. Tais estratégias, contudo, não deixam de ser sintomas de uma alienação partilhada.

É porque Célimane, de *O Misantropo*[2], se ama a si mesma que os frequentadores habituais do salão

[2] Uma das mais famosas personagens criadas por Molière (1622-1673) para a peça *O Misantropo* (1666). Célimane representa o oposto de Alceste, o protagonista, homem que odeia a humanidade e as pessoas em geral. Muito mais realista perante o mundo à sua

imitam o seu desejo. E ela não pode reinar no salão senão imitando a adoração que os seus pretendentes lhe devotam. Uma vez desvelada a astúcia da *coquette*, o seu prestígio cairá por terra nesse exacto instante. O lugar ficará livre para outra. Tais são os condicionalismos do «pseudo-narcisismo»: o desejo não cresce num lado para diminuir no outro, ele cresce nos dois lados ao mesmo tempo. A aparente autonomia desse Outro que me fascina, a sua liberdade absoluta em que deposito o meu crédito, não é senão o efeito da sua dependência relativamente a mim. O escravo arrasta assim o escravo para um combate em que os dois quererão, cada vez mais, provar que ambos são «senhores». Em matéria de desejo e de violência, claudicam os conceitos de «senhor» e escravo. Apenas restam escravos ambicionando ser «senhores» – até que surja um único «Senhor».

A tragédia retoma a investigação no mesmo ponto em que a comédia a deixou. Conta a mesma história, mas sob um prisma mais sombrio: no colapso do palácio de Tebas ou nos olhos arrancados[3] de Édipo. Já não nos encontramos num salão, mas numa cidade antiga. Qualquer coisa se enuncia então, significando, a um só tempo, a fundação e a destruição das ordens culturais.

---

volta, Célimane vive a vida como um jogo, subordinando o seu modo de ser e estar aos seus fins e objectivos, ainda que a aparência valha mais do que a essência. (*N. do T.*)

[3] Na verdade, na peça de Sófocles, Édipo não «arranca» os olhos, antes os fura ou vaza; e também não utiliza as mãos nuas para esse efeito, mas, sim, as fivelas de ouro do vestido de Jocasta, assim simbolizando que o instrumento da sua cegueira provém directamente da origem do seu pecado. (*N. do T.*)

Seguindo esta ordem de pensamento, estudando com maior detalhe as formas políticas centralizadas, Girard descobriu que a autoridade do monarca radica os seus fundamentos na expulsão de uma *vítima única*, «duplo monstruoso» da comunidade, tida como responsável por todos os seus males. Se a génese dos nossos ídolos individuais é humilhante, a dos nossos ídolos colectivos é sangrenta; pressupõe a escolha aleatória de um indivíduo substituído por um grupo em efervescência. Ao mesmo tempo responsável pela desordem, porque é diferente dos outros, e restaurador da ordem, porque a multidão «descarregou» nele, esse primeiro a chegar vem a ser o primeiro deus.

A literatura transformou-se em antropologia. Uma análise política torna-se possível. Apenas adoramos o nosso «salvador» na medida em que tal dissimule o facto de que nos detestamos uns aos outros. Ao longo de milénios, constituiu-se uma ordem em torno dessa figura eminente e daqueles que lhe sucedem inevitavelmente. E que significa isso senão que o objectivo de um reino consiste em «diferir», ou seja, ganhar tempo? O rei refugia-se no seu palácio ou manda construir uma rede de canais pela cidade. Esconde-se aos olhos dos outros ou multiplica as despesas sumptuárias. Se assim o faz, oscilando entre a invisibilidade total e a pura visibilidade, é apenas para esconder o facto de que ocupa o seu lugar de forma ambivalente, o lugar «tirânico», da primeira vítima. A oscilação que lhe confere poder e força ao mesmo tempo conforma a sua fraqueza.

O monarca e os seus súbditos não param de fugir e de se procurar. Este jogo das escondidas, em que o poder e a servidão endurecem juntos, chega ao fim com a queda do soberano – como resultado de uma investigação judiciária, como em *Édipo Rei*; de uma conspiração, como em *Júlio César* de Shakespeare; ou de uma revolução, como nas crises políticas modernas. O mesmo jogo reinicia-se então, com o ajoelhar dos vencedores aos pés de um novo tirano.

Somos, a um só tempo, senhores e escravos dos nossos soberanos. Enquanto o medo do tirano e o dos seus súbitos se neutralizam mutuamente, as *vítimas de substituição* são sacrificadas à margem do poder. A violência é sempre direccionada para os seres sacrificáveis: escravos, condenados à morte, marginais de toda a espécie, prisioneiros ou inimigos exteriores com os quais regularmente se entra em guerra. Quanto mais o tirano se sinta ameaçado pelos próprios súbditos (e, reciprocamente, quanto mais estes se sintam ameaçados pelo seu tirano), mais se multiplicam as suas vítimas, ainda que populações inteiras sejam sacrificadas com o intuito de preservar esse equilíbrio fictício. A violência do tirano aumenta ao mesmo tempo que a dos seus súbditos. Uma tal interdependência reforça e fragiliza a ordem estabelecida. É quando se identificam «inimigos interiores» no seio da comunidade que o poder começa a vacilar.

O soberano é um bom bode expiatório, pois podemos sempre culpá-lo, alijando as nossas responsabilidades.